

### ***1.2.5 – A análise do discurso das mulheres que fazem o sabão de cinzas***

Para compreender como foi feita a análise do discurso das mulheres que fazem o sabão de cinzas, vou apresentar inicialmente o recorte do diálogo que ocorreu entre as produtoras desse sabão e os dois acadêmicos no município de Bom Jardim de Minas, MG, no ano de 1996.

#### ***1.2.5.1 – Apresentando o diálogo***

O diálogo abaixo transcrito foi documentado em vídeo no dia 16 de novembro de 1996 e ocorreu na cozinha da casa de Dona Rosa enquanto ela preparava o sabão de cinzas. Nessa transcrição os nomes dos interlocutores estão abreviados conforme:

Ac = Alex (o acadêmico que reuniu e conversou com as produtoras).

R = Dona Rosa (produtora do sabão de cinzas).

Ap = Dona Aparecida (produtora do sabão de cinzas).

An = Dona Anésia (produtora do sabão de cinzas).

Algumas observações sobre as ações dos interlocutores são descritas entre colchetes. Vamos ao diálogo:

1. Ac: É... Qual é o nome da Senhora?
2. R: Meu nome é Rosa.
3. Ac: Rosa. E qual é a idade da senhora?
4. R: Eu... Eu tô com sessenta.
5. Ac: Sessenta anos.
6. Ac: É Dona Rosa, a gente táva vendo aqui a senhora tá fazêno o sabãozinho. Aí a primeira coisa que a senhora fáiz, a senhora pega o... fáiz o barrilero?
7. R: É, primeiro eu ponho a cinza aí no barde, depois eu... eu sóco com um soquete, aí depois que eu socá e tivé bem socadinho, aí eu ponho a água, aí depois pingo a dicuada e depois que eu ponho aqui dentro da panela.
8. Ac: Aí a dicuada a senhora vai colocano alí [Olha para uma panela de ferro colocada sobre o fogão à lenha presente na cozinha casa de Dona Rosa], de acordo com o que vai...
9. R: É, põe a dicuada alí e ponha o sebo, o sebo ou gordura, e vou... e vou mexeno, aí depois... aí que apura o sabão.
10. Ac: Apura o sabão... Quantos dias que demora assim prá fazê o sabão?
11. R: Ah, quando é assim igual a esse aqui demora uns oito dia mais ou menos, agora quando é bastante, quando é bastante sabão, aí demora mais né, porque a panela é grande.
12. Ac: A senhora costuma fazê sempre sabão?
13. R: Faço. Sempre eu faço.
14. Ac: Fáiz. Sempre a senhora fáiz.
15. R: Faço poco, mas faço.
16. Ac: É...esse sabãozinho é bom né, ele serve prá bastante coisa?

17. R: É, ele é bom. Serve pra lavá roupa, serve prá gente arrumá cozinha, serve pra lavá a cabeça, que ele é bom prá pele, né?
18. Ac: É bom prá pele... Essa dicuada da senhora... A senhora não usa soda não? O sabão é mesmo só com...
19. R: É, eu não ponho... Eu não ponho soda não, ponho só da dicuada só.
20. Ac: Só da dicuada... Aí com... só a dicuada fica um sabão mais puro, né?
21. R: Fica, porque aí se pô sóda aí não serve prá gente lavá a cabeça, né?
22. Ac: Não serve prá lavá... [Dirigindo-se à outra produtora do sabão de cinzas] A senhora também faiz? Como é o nome da senhora?
23. Ap: Aparecida.
24. Ac: Dona Aparecida. A senhora também faiz o sabão?
25. Ap: Faço. [Falando encostada na soleira da porta da cozinha].
26. Ac: A senhora faiz bastante tempo já?
27. Ap: Faiz bem tempo que eu não faço, né, mas já fiz muito sabão de cinza.
28. Ac: A senhora aprendeu aonde a fazê o sabão de cinzas?
29. Ap: Aprendi sempre com meus pais.
30. Ac: Com os pais da senhora... A Dona Anésia [Se dirigindo à outra produtora do sabão de cinzas]. Dona Anésia, qual é idade da senhora Dona Anésia?
31. An: Sessenta.
32. Ac: Sessenta anos. A senhora aprendeu a fazê com...
33. An: Eu aprendi a fazê com dicuada e com soda.
34. Ac: Com soda...
35. An: Porque a gente... minha mãe usava os dois, né, os dois: soda e dicuada, que ela punha um poco de cada um.
36. Ac: A senhora acha o melhor, qual o melhor que a senhora acha?
37. An: Esse aqui... Com a soda anda mais rápido, né?
38. Ac: Mais rápido...
39. An: Fáiz mais rápido o sabão. Usando os dois fáiz mais rápido.
40. Ac: E a senhora aprendeu com os pais da senhora, né?
41. An: Hum, hum.
42. Ac: A senhora... a senhora fez muito tempo, durante muito tempo a senhora fez?
43. An: Fiz muito tempo.
44. Ac: E hoje em dia o pessoal mais novo não... não tá sabendo fazê não...
45. An: Hoje em dia o pessoal não conhece.
46. Ac: Não conhece muito o sabão não.
47. Ap: Muitas pessoa não sabe o que quê é o sabão de cinza, né?
48. Ac: O tempo passô, né? E...
49. Ap: É porque muda tudo, né? Aí já não usa mais o sabão de cinza, só nós mais coisa é que...
50. Ac: Ainda faz.
51. Ap: É, ainda faz.
52. An: Igual lá em casa mesmo, minha mãe criou doze filhos e nunca comprou um sabão...
53. Ac: E assim, qual vocês utilizam? O sebo ou o toucinho?
54. R: Ah, eu ponho sebo, ponho...assim quando...
55. An: Depende, né? Do material que a gente tivê em casa...[As produtoras trocam olhares entre si].
56. Ac: Depende do material, né? Qual que é melhor? O... o sebo de boi, o de boi, ou o toucinho de porco?
57. R: Ah, é tudo uma coisa só, né?!
58. An: É tudo igual.
59. Ac: É, igual... A senhora não tem preferência?
60. Ap: Tamém não tem diferença. Pode sê o sebo. Pode sê o toucinho. Eu fiz muito sabão de cinza prá vendê.
61. R: Ele até cheira, né? Quando lava a cabeça...
62. Ap: Até cheira. Quanto mais ele fica véio ele fica mais saboroso...
63. Ac: Mais ainda?
64. Ap: É, ele fica cheroso.

65. Ac: Por que a gente tava... tava observando que assim o pessoal aqui faz mais com a ... Com a dicuada pura, né?
66. Ap: É, com a dicuada.
67. Ac: É que ela...ela demora mais, mas fica um sabão mais puro...
68. Ap: Mais puro. Porque aí chama sabão de cinza, né?
69. An: É um sabão que não estraga as mão. Sabão de cinza, né?
70. Ap: E pode usá ele prá uma quemadura, pode usá ele prá qualquer coisa sem problema, né?
71. R: Até como um creme se a gente passô na mão não empóla...
72. Ap: E com a dicua... com a soda, aí já não pode usá porque a soda prejudica, né? A pele...
73. Ac: O cabelo também não é bom a soda.
74. Ap: Não é bom a soda [Negando com a cabeça].
75. Ac: Ele já? A senhora... A senhora fez? [Se referindo ao sabão sendo preparado por Dona Rosa].
76. Ap: Ele já tá preparado. Esse aí já tá preparado  
[Dona Rosa transfere o sabão pronto da panela para um pedaço de pano por sobre a mesa usando uma colher de alumínio para raspar a panela e um colher de madeira para ajudar o sabão a sair da colher de alumínio].
77. Ac: Tá preparado. Aqui agora então é só fazê a bola...
78. Ap: É, é só fazê a bola.
79. Ac: Aí pode deixá ele ali enquanto quente, enrola quente mesmo?
80. Ap: Enrola. E antes dele acabá de esfriá, enrola. Porque se deixá esfriá ele fica duro, aí não dá prá fazê...
- [Dona Rosa molda um sabão na forma de “pão” usando um pano e o coloca sobre na mesa].
81. Ac: Não dá prá enrolá... Então tem que sê assim que sai do fogo já fazê as bola.
82. Ap: É só espera ele firmá alí que dá prá pô a mão, né?
83. Ac: Tem algum lugar também que é chamado sabão de bola, vocês também conheciam esse nome? Se é sabão de cinza...
84. Ap: Nós trata... um pão. Né, Dona Anésia? É um pão de sabão... é uma bolinha, mas nós trata assim: é um pão de sabão.
85. Ac: Um pão de sabão.
86. Ap: É, um pão de sabão [Rindo].
87. Ac: Tem alguns lugares que a gente pergunta e eles falam...
88. Ap: É, é o modo de falá, então tem barra, né? Uma barra de sabão...
89. An: Os antigo falava ansim... [Rindo].
90. Ap: É.
91. Ac: A senhora tem saudade daquela época?
92. An: Eu tenho.
93. Ac: A senhora também?  
[Dona Aparecida sai do lado da soleira da porta e se aproxima da mesa onde está o sabão e toca-o continuamente, empurrando-o para um lado e para o outro. O sabão desliza suavemente com seu toque].
94. Ap: Nooossa! Era muito mais gostoso. Porque as pessoa tinha mais liberdade de mexê com esse serviço, né? [Rindo] Aí, ele nem suja a mão da gente [Se referindo ao sabão de cinzas sobre a mesa].
95. R: Eu sinto um cheirinho tão bom que dá vontade de comê, não dá?
96. Ap: Ele é cheroso. Olha que cheiro mais gostoso.
97. Ac: Cheirinho bom mesmo. É mais eram as mulheres que aprendiam a fazê mesmo, né? Os homens geralmente quase que não davam muito prá sabão mesmo, né?...
98. An: Ih... Os home de primero era machão, nem...
99. Ap: Não tinha tempo...
100. R: Tinha um home que fazia um lá no... ele fazia um que dava pros meus menino.
101. Ac: Então tem uns, uns home que...
102. R: O meu mais velho sabe fazê.
103. Ac: Olha, tem algum ponto assim quando vocês sabem que o sabão tá bom? Ou é assim, ele tem que ficá mais consistente?
104. An: Não, tem o ponto.
105. Ac: Tem o ponto.

106. An: Se não tivé o ponto depois ele não... ele não dá... É igual a um doce sabe...
107. Ap: É que nem um doce de leite. Aí ele já começa conforme tava alí, já desagarrano da panela... não suja mais... [Continua tocando o sabão com as mãos].
108. R: Quando ele cabá a manteiga, aí aquela borrinha da panela, aí começa a borrinha sai lá do fundo da panela e senta em cima.
109. Ac: Sem a gordura...
110. Ap: Aí depois que acabá a gordura, aí não tem gordura. Aí cadê a gordura da panela? [Mostra a panela na qual foi feito o sabão].
111. Ac: Chega tudo e sai tudo, né?
112. Ap: A dicuada é que corta a gordura.
113. Ac: É, a dicuada vai cortando a gordura.
114. Ap: A dicuada é que corta a gordura.
115. Ac: E sempre sempre então tem que tá olhano o sabão, colocano um pouquinho...
116. Ap: Mai um poquinho de dicuada.
117. R: Se fartá tamém não vale nada.
118. Ac: Se passá do ponto tamém...
119. R: Se fartá a dicuada...
120. Ap: É, a dicuada tamém não póde deixá passá.
121. An: Se passá não cresce, se fartá tamém não cresce...
122. Ac: Assim, agora a senhora deixa esfriá, né? E já tá pronto prá... prá usá?
123. R: Pronto prá lavá o cabelo, prá roupa, prá lavá vasía... [Pegando o sabão usando uma camiseta velha].
124. Ap: E aqui ele espuma igual a um sabonete.
125. Ac: Espuma?
126. R: Espuma.
127. Ap: É, fica bacana...
128. Ac: O que faz a espuma é a cinza?
129. Ap: É a dicuada, né? [Continua tocando o sabão preparado com as mãos].
130. Ac: É a dicuada que faz...
131. Ap: É a dicuada e o materiar que põe, né?
132. An: É porque tira a gordura e aí...
133. R: E se pô a dicuada tamém... ela não faz tamém não [Negando com a cabeça].
134. Ap: Ela não faiz, se não tivé a gordura não faiz [Negando com a cabeça].
135. Ac: Então é mesmo a mistura dos dois que... que sai o sabão.
136. An: Ih, mais o povo de hoje não qué sabê de nada não...
137. R: Quando eu fui fazê aqui os menino fala assim prá mim: me dá pra mim. Não, não vou dá nada não, ocê é que tem que aprendê, ué.
138. Ac: Querê praticá elas não... [Ri].
139. R: Aí eles falam: mas eu não sei fazê isso não. Aí, mai não sabe por causa de quê? Eles não sabem nem aprendê.
140. Ap: Eu, na panela que eu tenho lá em casa, eu já tirei quarenta barras de sabão.
141. Ac: Quarenta barras de sabão...
142. Ap: Fazia muito prá vendê, né? Fazia muito sabão. Aí a gente sempre a gente tinha assim... fazenda, lá onde nós morava, né, a gente criava muito porco, né, aí dava um problema num porco, aquele nós ía aproveitá ele prá sabão. Nós não ia jogá ele fora, né? (...) Mas mesmo assim, o tempo mudô o sabão tamém muda, né? O sabão soa...
143. R: É, soa. Ele costuma umedecê.
144. Ap: Ele é igual sal, né? Porque o sal tamém o tempo muda ele umedéce.
145. Ac: E aqui, a senhora... a senhora... passa... passa bastante gente, muita gente procura com a senhora?
146. R: Ah, procura. Tem uma porção de gente que procura. Uns é prá podê dá prá galinha, negócio de golgo, de galinha, né? Tamém é bom. Se pô sóda aí já não serve prá remédio.
147. Ac: Ah, então o sabão de cinza também é utilizado pra remédio pra dá pra galinha?
148. R: É, pra galinha. É uma doença da galinha. Aí a gente mistura no milho, bota pra galinha comê lá. Outra hora passa ali nos óio dela, né?

149. Ap: É bom prá caroço.
150. R: Aí, ficô bonitinho? Ou ficô feio? [Mostrando o sabão].
151. Ac: Ficô bonitinho. [Todos riem] É, ficô bonitinho...
152. Ap: Ele não tá muito escuro Dona Rosa.
153. R: Não tá não. A Dona Cida me pediu um, né? Até ela me deu um sabonete. Aí eu falei, ó Dona Cida, tá preto. Ela falou: a senhora falô que tá preto, eu fui lavá e não tá preto nada.
154. Ap: Nãao.
155. R: Falei: acho que é por causa da panela é que fez ele ficá preto.
156. An: Às vezes, a hora que tira tamém ele fica mais escuro, né?
157. Ap: É, depois ele clareia.
158. Ac: Costuma dá uma clareada tamém...
159. Ap: Costuma fica bem assim, bem enrolado numa páia, ele costuma ficá até meio cinzento.
160. Ac: Fica até meio cinzento...
161. Ap: Fica. Se ficá muito tempo guardado, né?
162. Ac: E assim prá... tem gente que coloca num balaio prá fazê a dicuada e coloca no fundo é...
163. Ap: Foia de bananera
164. Ac: Foia de bananeira?
165. Ap: É, no fundo do balaio.
166. Ac: Porque que é a folha de bananeira? Ela...
167. Ap: É prá podê segurá a cinza, porque o balaio sempre é cheio de... de vaso, né?
168. Ac: De vaso...
169. Ap: É. Aí põe a foia de bananera pra segurá a cinza.
170. Ac: Aí a foia de bananera passa a dicuada...
171. Ap: Aí, assim, de ficá curtida, aí que a folha de bananera rasga, né?
172. Ac: Ah, certo... aí não passa a...
173. Ap: Aí escorre a dicuada e sai a dicuada coadinha.
174. Ac: Do jeito que saiu, né? Ela não...
175. R: Ela não fica sujo de cinza. Porque se ficá suja de cinza não póde pô lá, que aí se derramá lá dentro, dentro da vasilha, aí tem que jogá aquilo fora e torná a pô otro.
176. An: Senão coá, né?
177. R: É, ou senão coá, porque senão o sabão não gera, né?
178. Ap: Não gera. Não pode pegá a cinza.
179. Ac: Não pode pegá a cinza. Chama sabão de cinza, mas tem que sê sem cinza.
180. Ap: Sem cinza. Ele é de cinza e não pode deixá a cinza pegá ele...
181. An: É de cinza porque ele é feito da dicuada, né?
182. Ac: Feito da dicuada...
183. Ap: Esse é sabão de cinza, mas ele usa só a sóda, Ah, só essa... a dicuada, né?
184. An: A minha mãe fazia, ela usava a soda e a cinza, os dois.
185. Ap: Os dois.
186. An: Dizia que era prá andá mais depressa.
187. Ac: Quando ela fazia, misturava os dois, os dois na panela e colocava...
188. An: Usava menas sóda, né? Só mais esse aí.
189. Ac: Ah certo. Aí tamém adiantava um pouco o processo do... demora né?  
[Instante de silêncio].
190. R: Tem gente que até perguntô eu ansim, mas sabão de cinza como é que a senhora faiz? A senhora põe a cinza lá dentro da panela e põe o torresmo? Né, não! Ué, se pô a cinza lá dentro da panela o sabão não vira nada não. [Todos riem] Então como é que a senhora faiz o sabão de cinza? Eu falei: não, ué, tem que pô num barde ou num...num balainho e socá, e socá com um soquete prá fica bem socadinho senão não sai tamém não. Se a gente pô a cinza lá só e pô a água aquilo sai raliiiiinho...
191. Ap: Sai. Tem que socá, tem que enfiá ela bem na vasilha.
192. R: Ah, eu falei assim: Ah bom, mas então é assim? É, ué. A Silvana memo, um dia perguntô eu: Eu quero que a senhora me explica como é que é esse negócio. A senhora põe a cinza lá dentro e ponha o torresmo. Não, se pô a cinza não gera nada não. Vira uma coisa lá, quase nada.
193. Ac: Então prá fazê esse aqui demora... gasta muita cinza, né? Porque... [Olham para a panela].
194. An: Dependendo da quantidade gasta.

195. R: Esse aí não gasta não, agora quando é dentro de um balaio gasta muito.
196. Ac: Gasta muito...
197. R: Quando é bastante sabão, né?
198. Ap: Porque esse aí tá bem socada.
199. Ac: Bem socada... Então ela vai socano ele vai perdeno... ele vai ficano, né?
200. Ap: É, bem besoadado. Prá podê dá fortidão na dicuada.
201. Ac: Na dicuada... Se a dicuada ficá rala, tamém, ela não consegue cortar o excesso de gordura...
202. R: Não, aí demora, né?
203. Ap: Aí não.
204. Ac: Aí fica muito tempo fazêno o sabão.
205. Ap: A dicuada mais... quanto mais forte mais rápido faiz o sabão.
206. An: A dicuada pode tirá a gordura. É interessante...
207. Ac: É engraçado, né? A gordura... da gordura fazê um sabão sendo prá tirá a gordura, né?
208. R: Eu acho engraçado porque precisa da...precisa da gordura prá fazê o sabão e se ficá gordura tamém não vale nada.
209. Ap: Não vale nada.
210. R: Não espuma.
211. Ap: Não.
212. R: E se passá a dicuada tamém. Uma vez a cumade Zé me deu um prá vê o que ocê arruma com isso aí. Ele passô a dicuada, não sei o que eu vô fazê com esse sabão. Eu até vô jogá fora. Aí levei lá prá casa, depois oiei, oiei bem nele, passei na roupa e ele não espumava. Preto! Falei: Ah, perai! Eu tinha uma manteiga lá, aí espuize nele. Aaa, daí ficou bom, eu aproveitei...
213. Ap: É que aí enfraquece a dicuada né?
214. An: Eu tô pensano aqui, o que é mais interessante é essa cinza aí. Saí do fogão e dá esse...e tirá a gordura.
215. Ap: Da lenha...
216. An: Da lenha tirá a cinza e tirá a gordura do sabão, fazê virá sabão, né? É muito interessante.
217. Ac: Sai...tudo, tudo gira aqui, né? Sai daqui... [Simula um movimento de giro com o dedo].
218. An: É, tudo, tudo gira aí [Faz o mesmo movimento de giro com o dedo].
219. Ac: É porque tudo, assim... as pessoa tinha que tenta fazê uma coisa com o material que tivesse, né? Então...
220. Ap: Pega a lenha e põe prá queimá, né? Depois já vai, já sai a cinza, da cinza já passa prá vasía prá fazê o barrilero, depois do barrilero é que já vem saindo a dicuada né?
221. An: Interessante, né?
222. Ac: Interessante, né? O processo. E assim, prá fazê...
223. Ap: E essa dicuada aqui se a gente põe ela na panela e deixá ela secá vira um sal. Né, Dona...?
224. R: Vira sal.
225. Ap: Vira sal.
226. R: É eu costume pô num caldeirãozinho...
227. Ap: É, a gente qué aproveitá ela, a gente põe ela prá secá.
228. R: Ela eu ponho num caldeirãozinho, seca vira um sar, aquele sal. Eu costume falá, Ah, é capaz que a sóda é que tem quarqué coisa...clarinho.  
[As falas 228 e 229 se sobrepõem].
229. Ap: E aquele sal póde pô num otro sabão, quando vai fazê péga aquele sal e passa pro otro sabão.
230. Ac: Então esse aí se deixá no tempo assim ele vai indo e vai virá um...
231. Ap: Não, esse aqui...
232. R: Não, tem que pô no fogo, né?
233. Ap: Esse aqui tem que passa ele prá panela e pô ele prá secá.
234. Ac: Ah, e pô ele prá secá...Aí vira um sal.
235. Ap: Aí vira um sal.
236. R: Fica branquinho o sal, né?
237. Ap: Aí o sal pode guardá.
238. Ac: Pode guardá o sal...
239. Ap: Póde guardá. Quando fô fazê otro sabão, pode pegá aquele sal e coloca no sabão...

### 1.2.5.2 – As primeiras impressões sobre o diálogo

O diálogo entre o acadêmico e as produtoras do sabão de cinzas demonstra algumas características gerais marcantes. Uma delas se refere ao uso de uma linguagem que é típica da linguagem oral presente na fala cotidiana de grande parte do povo brasileiro: “eu tô”, “a gente tava”, “tá fazeno”, “vai colocano”, “vô mexeno”, “pra gente arrumá”, “fáiz mais rápido...”, “tamém não tem diferença”, “pode sê...”, “quanto mais ele fica véio”, “quarquê coisa”, “nóis trata”, “muitas pessoa não sabe...”, “os antigo falava ansim...”, “as pessoa tinha mais liberdade...”, “se fartá a dicuada...”, “pra lavá vasía”, “nóis não ía jogá ele fora...”, “Foia de bananera”, “vira um sar”. Alguns desses modos de expressão denunciam também uma linguagem que é característica de pessoas pouco escolarizadas e se assemelham às falas mencionadas por Chauí (1986) em seu livro *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*.

O diálogo, que inicia mais contido, evolui rapidamente na direção de um envolvimento crescente dos participantes, constituindo uma outra característica marcante: a natureza do seu encadeamento, que lembra elos de uma corrente que vai se formando. O traço comum que emerge é o da continuidade ou fluidez, o que revela um grau elevado de entrosamento e engajamento entre os interlocutores. Isso se manifesta concretamente na forma de **repetição ou reforço** entre falas (Linhas 4-5, 9-10, 13-15, 17-18, 19-20, 21-22, 29-30, 31-32, 33-34, 37-38, 55-56, 67-68, 84-86, 112-114, 124-126, 140-141, 181-182, 195-196, 198-199, 227-228 e 237-239), de **compreensão** do que está sendo dito (Linhas 80-81, 108-111, 166-175, 212-213), de **reflexão** (Linhas 47-49, 128-135, 187-189 e 230-235), de **complementação** (Linhas 115-116, 199-200 e 215-216), e de **concordância** (Linhas 16-17, 45-46, 50-51, 57-59, 61-62, 73-74, 95-97, 106-107, 117-121, 136-138, 142-143, 159-161, 176-180, 190-191, 202-204, 207-208, 208-211, 217-218, 221-222 e 224-225) sobre algo falado.

Uma outra característica marcante se refere ao uso freqüente da palavra “né”. Isso provavelmente é atribuído a uma expectativa ou desejo inconsciente de confirmação sobre o que foi falado. A palavra “né” reúne dois advérbios contrários: “não”, de negação, e “é”, de afirmação (né = não é). A princípio, a palavra nega e afirma ao mesmo tempo, mas como ela é normalmente mencionada no final de uma fala e segundo uma entonação de interrogação: “né?” (“não é?”), essa palavra pede uma réplica confirmatória. Qual seria a razão dessa expectativa freqüente de confirmação sobre o que foi falado? A resposta para essa pergunta talvez tenha relação com a vontade inconsciente das produtoras de se certificar que os conhecimentos (ou as experiências mencionadas) são efetivamente compartilhados(as).

### 1.2.5.3 - *Os objetos do discurso*

Segundo Foucault os objetos do discurso representam um limite estabelecido para o seu domínio; é aquilo de que se fala, que se torna nomeável e descritível.

Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar (FOUCAULT, 1986, p. 50, 51).

O autor menciona três níveis diferentes de especificação dos objetos: suas superfícies de emergência, suas instâncias de delimitação e suas grades de especificação. Para ele, o conjunto de relações estabelecido no discurso possibilita a criação dos objetos do saber: “São essas relações que, atuando no discurso, permitiram a formação de todo um conjunto de objetos diversos”(Idem, 1986, p. 50). Antes de estabelecer o conjunto de relações do discurso das mulheres que fazem sabão, vejamos o que se pode dizer sobre os principais objetos mencionados por elas.

O objeto central e a razão pela qual o diálogo ocorreu é o sabão de cinzas. De onde ele surgiu? Qual é a sua história? O diálogo revela que o sabão de cinzas tem origem nas realidades cultural, familiar e comunitária das herdeiras desses conhecimentos. As instituições responsáveis pelo aparecimento desse objeto são, portanto, a cultura, a família e a comunidade, em uma primeira instância. Creio que estas três instituições, talvez por serem muito próximas, atribuem um mesmo significado ao sabão de cinzas: ele foi/é um patrimônio cultural de famílias e comunidades do interior de Minas Gerais, capaz de promover a higiene e a saúde dos indivíduos devido à sua ação como um agente de limpeza eficiente que não prejudica a pele. A sua lei de aparecimento relaciona-se, portanto, à promoção de hábitos de higiene na população.

Os outros dois objetos mencionados no discurso e que recebem denominações específicas são o “barrilero” e a “dicuada”. O primeiro compreende um cesto ou balaio feito de taquaras de bambu que é forrado internamente com folhas de bananeira, segundo o modo mais antigo ou tradicional. Dentro desse balaio se colocam e se compactam as cinzas resultantes da queima de madeira, fazendo passar água quente pelas mesmas posteriormente para se obter a “dicuada”, a qual é então misturada e aquecida com gordura animal para a produção do sabão.



É interessante mencionar os significados atribuídos a essas palavras-objetos que apareceram no discurso das produtoras do sabão de cinzas em alguns dicionários da língua portuguesa. As palavras “sabão de cinzas” não foram encontradas nos dicionários e a palavra mais semelhante ao “barrilero” mencionado pelas produtoras foi encontrada na forma de “barreleiro”, exibindo os seguintes significados:

Dicionário Caldas Aulete: cinza de que se extraiu a decoada para barrela; pano em que se tira a decoada e com que se cobre a roupa e donde se deita a barrela, que se infiltra pela roupa suja; cesto grande em que se faz a barrela; homem baixo e gordo (p. 378).

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: diz do cesto grande ou jacá empregado na barrela; cinza que serviu para a barrela; pano que se estende por cima da roupa a branquear e pelo qual se coa a barrela sobre ela; serviçal encarregado de barreiras (p. 258).

Novo Dicionário Aurélio: cinza utilizada na barrela; pano que cobre a roupa na barrela (p. 235).

Dicionário Houaiss: cinza ou soda usada para produzir a barrela; tecido com que se coa a solução que resulta na barrela (p. 407).

Segundo esses dicionários, a palavra “barreleiro” tem cinco significados, quatro dos quais estão relacionados a objetos materiais: as cinzas, o pano, o cesto grande (também chamado de jacá) e a soda, enquanto os dois outros se referem a indivíduos, um dos quais tem características físicas semelhantes ao cesto utilizado pelas mulheres que fazem sabão e o outro é o serviçal que cuida das “barreiras”. O significado mais próximo ao do “barrilero” das produtoras de sabão é o que diz respeito ao cesto grande. Em sua etimologia, esse substantivo deriva de *barrel* + *eiro*, sendo que *barrel-* é um elemento de composição passível de ser interpretado como derivado de barro (*barr-*), indicando sujidade (Dicionário Houaiss, 2001, p. 407). Isso faz sentido, considerando a sujeira que se estabelece ao redor da elaboração do “barrilero” pelas mulheres que fazem o sabão de cinzas.

A palavra “barrela” tem significados curiosos:

Dicionário Caldas Aulete: dissolução alcalina que serve para branquear a roupa quando está suja, e que se prepara fazendo passar água quente por uma camada de cinzas de madeira ou uma camada de soda; lixívia (p. 378).

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: água contendo cinza, que, fervida e decoada, serve para branquear a roupa; lixívia; solução de água e sabão em que se deixa a roupa para clarear (p. 258).

Novo Dicionário Aurélio: água onde se ferve cinza e que é usada para branquear roupa; cenrada, coada, decoada, lixívia; água de barrela (p. 235).

Dicionário Houaiss: caldo coado de cinzas vegetais ou de soda, usado para clarear roupa; cenrada, coada, decoada, lixívia (p. 407).

Essa palavra pode se referir a uma mistura de água com cinzas, com soda ou com sabão, que é usada para branquear roupas, podendo ser obtida através da fervura de água com cinzas<sup>19</sup> seguida de uma filtração (caldo coado) ou fazendo passar água quente por uma camada de cinzas. Embora não tenha sido observado a menção ao uso da “barrela” para se preparar sabão, é evidente o seu significado atribuído na limpeza de roupas.

Vejamos agora os significados da palavra “decoada” mencionada, encontrada na forma de “decoada” nos dicionários:

Dicionário Caldas Aulete: barrela, lixívia; ação de coar a lixívia; cinzas fervidas com que geralmente se limpam as colheres ou outros utensílios de metal (p. 752).

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: ação de coar a lixívia; barrela, lixívia; cinzas fervidas, com que se limpam utensílios de metal, e que se usam também em lugar de soda ou potassa, na preparação do sabão caseiro (p. 535).

Novo Dicionário Aurélio: barrela; ato de coar a água de barrela (p. 525).

Dicionário Houaiss: água fervida com cinzas, usada na lavagem de tecidos; barrela, lixívia; água fervida com cinzas das fornalhas (barrela ou lixívia), usada para livrar de impurezas o caldo de cana das caldeiras, tornando o açúcar mais forte; água filtrada ou coada após essa fervura; ato de coar ou filtrar a água fervida com cinzas; decoação; as cinzas que se fervem na água e que se usam na limpeza de peças de metal, especialmente talheres. (p. 921)

Além do uso na limpeza de roupas, a água misturada e fervida com cinzas, que é depois coada (daí “decoada”), também foi associada à limpeza de objetos metálicos e na limpeza das caldeiras dos engenhos. Somente o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa é que menciona o uso da decoada no preparo de um sabão caseiro. É interessante notar que o Dicionário Caldas Aulete foi editado em Portugal no ano de 1948 e trata de significados da língua portuguesa referenciados naquele país e época; não há, no entanto, nenhuma referência ao uso da decoada ou da barrela para se fazer sabão em Portugal, sugerindo que o preparo do sabão de cinzas pode não ser uma herança de nossos principais colonizadores. Através dos significados da palavra decoada, percebo que a sua distinção de barrela provavelmente se deve ao fato de que esta última é coada para se obter a primeira, embora em alguns dicionários essas palavras sejam dadas como sinônimos. Isso explica a razão do uso de panos

---

19. Ao que parece, o uso de água fervida com cinzas era um hábito de limpeza comum do passado, na qual as roupas eram imersas para o branqueamento. Essa água fervida com cinzas também era jogada diretamente sobre as roupas cobertas com um pano, ou então eram coadas ou obtidas do mesmo modo que as produtoras do sabão de cinzas.

ou tecidos para cobrir as roupas antes de se colocar a barrela sobre as mesmas (a roupa se tornaria mais suja se isso não fosse feito).

O verbo “decoar” também é encontrado nos dicionários. Segundo o Dicionário Houaiss, ele é classificado como um verbo transitivo direto e significa: *lavar ou imergir em decoada (água fervida com cinzas); lixiviar*. Em sua etimologia no latim, o verbo deriva de *decolare*, que significa *sair pela peneira ou crivo*, e deriva de *de* + *colare* (coar, filtrar). O prefixo *de-* pode ter dois significados, dos quais destaco: *movimento de cima para baixo, descida*. O verbo decoar significaria, portanto, em seu sentido etimológico, o ato de filtrar a água misturada com cinzas de vegetais segundo um movimento de cima para baixo, semelhante ao que se faz quando se faz passar água quente sobre as cinzas no *barrilero* das mulheres que fazem o sabão de cinzas, só que nesse caso o processo se refere a uma extração das partes solúveis das cinzas e não a uma filtração. Um pouco mais à frente tratarei do “conjunto de objetos diversos” ao redor do sabão de cinzas, da “dicuada” e do “barrilero”.

#### **1.2.5.4 - As modalidades enunciativas**

Quando trata da formação das modalidades enunciativas, a primeira questão colocada por Foucault é: quem fala?

Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter essa espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o *status* dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?” (Idem, 1986, p. 57)

A esse respeito devo dizer que as mulheres que fazem sabão são pessoas comuns, de classe social com baixo poder aquisitivo, pouco escolarizadas e que desempenham papéis de esposas, mães e avós de famílias que habitam, via de regra, a área rural e a periferia de municípios do interior de Minas Gerais. Elas representam, portanto, uma classe popular de indivíduos pouco escolarizados, e as suas vozes legitimam isso. Esse *status* não lhes atribui um reconhecimento oficial em nenhuma instância social. Mas, elas são as herdeiras de um saber de gerações, que, associado às suas práticas cotidianas, seus valores e reflexões lhes confere o *status* que é preciso ter para falar sobre o sabão de cinzas – o referente do discurso. Conforme já foi mencionado anteriormente, as mulheres que fazem sabão falam a partir de sua cultura, da família (antepassados) e da comunidade.

Destaco os seguintes traços como característicos das mulheres que participaram do diálogo: Dona Rosa é aquela que ainda mantém viva a tradição de preparo do sabão de cinzas, e, portanto, é a mais resistente das três mulheres envolvidas. Ela é também aquela que apresenta o maior espectro de relações sociais relacionado aos seus conhecimentos sobre o sabão de cinzas, incorporando diversas outras vozes da comunidade em seu discurso. Ao fazer isso, ela define um *status* que lhe permite ser conhecida em sua comunidade (extra-oficialmente) como a autoridade máxima sobre o sabão de cinzas.

Dona Aparecida é aquela que explica, que tem as respostas afiadas na ponta da língua, se revelando como aquela que possui mais conhecimento “teórico” sobre o referente. Além disso, ela é quem mais extravasa emoções ao falar dele, indicando uma forte ligação afetiva com o mesmo. Dona Anésia representa a voz de sua mãe. É ela quem fala sobre o uso da soda no preparo do sabão de cinzas e quem insere a questão da demora/tempo do processo sem soda. Ao final do diálogo, Dona Anésia se revela como aquela que passa a refletir sobre o referente, revelando-se como a curiosa.

Além dessas mulheres, há também o acadêmico envolvido no diálogo, cujo *status* é outro, e cuja presença influenciou bastante o discurso. Os conhecimentos dele sobre o referente partiram de suas experiências recentes com o mesmo. Esses conhecimentos direcionaram as falas e foram, na maior parte das vezes, colocadas na forma de perguntas: perguntas geradoras de dados. O acadêmico é aquele que pergunta para aprender. Ele é, também, uma espécie de “espião”, que consegue se infiltrar no meio das mulheres que fazem o sabão de cinzas, falar a língua delas e estimulá-las a falar. Elas são envolvidas pelo seu interesse e isso inclui a presença do acadêmico que filma o evento. A relação entre os acadêmicos e as mulheres sugere o tipo de simetria proposto por Bruno Latour e Márcio Campos e, se assim não o fosse, o discurso certamente seguiria outros rumos.

O acadêmico não impõe nenhum tipo de conhecimento além do pouco que sabe ou que ouviu dizer sobre o referente, porque ele não é o conhecedor desse assunto. Ele é humilde e reconhece que em relação ao sabão de cinzas as mulheres sabem mais. Ele também é o maior interessado nos conhecimentos ao redor desse sabão, afinal foi este o motivo da reunião das três produtoras do sabão de cinzas e de sua entrevista. Embora as colocações e perguntas do acadêmico se apresentem muitas vezes sem muita clareza e objetividade (o que pode ter relação com a imagem que ele faz das suas interlocutoras em sua “infiltração” naquele meio), ele é surpreendido pela esperteza das mulheres, que conseguem entendê-lo nas conversas e respondem as suas colocações e perguntas. Além do acadêmico que entrevista há também o acadêmico que filma o diálogo, um interlocutor silencioso presente no evento. Tudo

transcorre como se ele não estivesse ali, pois ele não se envolve nas discussões e se restringe a registrar o que ocorre. Os dois acadêmicos representam os nossos observadores participantes, os quais conseguiram estabelecer um ótimo nível de entrosamento com as mulheres que fazem o sabão de cinzas.

Na análise de “quem fala” percebo um aspecto daquilo que Foucault denominou *dispersão* do sujeito nos diversos *status*, lugares e posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso e na descontinuidade dos planos de onde fala.

O discurso assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (Idem, 1986: p. 61, 62).

Embora falando de lugares distintos, os participantes do diálogo registrado em vídeo foram envolvidos na busca de explicar ao acadêmico-entrevistador o que as produtoras do sabão de cinzas sabiam sobre ele, visando diminuir as descontinuidades a esse respeito, ou seja, na direção da sua compreensão.

#### **1.2.5.5 - Os conceitos**

Para Foucault (1986, p. 63-64), os conceitos aparecem e circulam em um campo de enunciados tornando necessário descrever como esse se organiza. Segundo ele, essa organização compreende inicialmente

formas de *sucessão* e, entre elas, as diversas *disposições das séries enunciativas*, ou seja (quer seja a ordem das inferências, das implicações sucessivas, e dos raciocínios demonstrativos; ou a ordem das descrições, os esquemas de generalização ou de especificação progressiva aos quais obedecem, as distribuições espaciais que percorrem; ou a ordem das narrativas e a maneira pela qual os acontecimentos do tempo estão repartidos na seqüência linear dos enunciados); os diversos *tipos de correlação* dos enunciados (que nem sempre são idênticos ou passíveis de serem superpostos às sucessões manifestas da série enunciativa: como a correlação hipótese-verificação; asserção crítica; lei geral-aplicação particular); os diversos *esquemas* retóricos segundo os quais se pode combinar grupos de enunciados (como se encadeiam, umas às outras, descrições, deduções, definições, cuja seqüência caracteriza a arquitetura de um texto) (FOUCAULT, 1986, p. 63, 64).

A meu ver, os conceitos aparecem em dois campos de enunciados distintos que identifico no diálogo. Um deles se refere às falas que descrevem a seqüência de procedimentos práticos que devem ser seguidos para o preparo do sabão de cinzas. O discurso

evidencia um ordem ou seqüência cronológica dos procedimentos. Mas, a análise do discurso desvinculada da prática, pode conduzir a um mascaramento dessa última. É o que se pode apreender de duas falas de Dona Rosa:

É, primeiro eu ponho a cinza aí no barde, depois eu, eu sóco com um soquete, aí depois que eu socá e tivé bem socadinho, aí eu ponho a água, aí depois pingo a dicuada e depois que eu ponho aqui dentro da panela (Linha 7).

É, põe a dicuada alí e ponha o sebo, o sebo ou gordura, e vou... e vou mexeno, aí depois... aí que apura o sabão” (Linha 9).

A análise dessas falas sugere que o preparo do sabão de cinzas não é complicado e nem trabalhoso. Mas, na verdade, o discurso se refere a uma seqüência de procedimentos que envolve muito trabalho e dedicação. Isso me faz pensar que o discurso e a prática não podem ser vistos/analísados separadamente. Enquanto a prática refere-se a algo que dá muito trabalho e toma tempo, essa interlocutora a re-significa através de seu discurso, expressando-a como algo fácil, simples e de realização rápida; praticamente não há problema que não possa ser contornado nesse campo (como exemplo disso ver a fala 212). Nesse contexto, ao simplificar a prática através de seu discurso, Dona Rosa põe em evidência o domínio que ela tem sobre o seu saber fazer. Essa simplificação da prática através do discurso também foi observada na fala de Dona Aparecida:

Pega a lenha e põe prá queimá, né? Depois já vai, já sai a cinza, da cinza já passa prá vasía prá fazê o barrilero, depois do barrilero é que já vem saindo a dicuada né? (Linha 220).

O outro campo de enunciados em que aparecem os conceitos reúne as explicações atribuídas aos fenômenos inerentes ao preparo do sabão, as quais podem ser agrupadas em algumas categorias. Uma primeira categoria relaciona-se às explicações espontâneas que aparecem no discurso, surgindo como se fossem pinçadas de uma fonte segura e verdadeira. É o caso da fala de Dona Aparecida, descrita na linha 112 e que é repetida na linha 114: **“A dicuada é que corta a gordura”**. Noto que Dona Aparecida foi a única que inseriu um “r” na palavra “dicuada” ao pronunciar “dicuada”, o que me sugere certo rebuscamento do termo, atribuindo-lhe certo destaque e importância.

O modo de explicar a interação entre a dicuada e a gordura de Dona Aparecida já havia sido observado na interação com Dona Margarida (a “Dica”) e com Dona Benedita e sua filha nos arredores de São João del-Rei, MG. O verbo “cortar” usado nesses casos, remete diretamente a um significado que não tem sentido no contexto em questão, pois

pressupõe separar algo ou alguma coisa em partes ou pedaços menores utilizando um objeto cortante. No caso da interação entre a dicuada e a gordura, como podemos explicar que “A dicuada é que corta a gordura”? Como podemos entender a gordura sendo cortada em partes menores sob a ação da dicuada na explicação de Dona Aparecida? A dicuada pode ser vista como um objeto cortante, capaz de “cortar” a gordura? O significado mais usual desse verbo não permite entender a explicação de Dona Aparecida, sugerindo uma outra explicação.

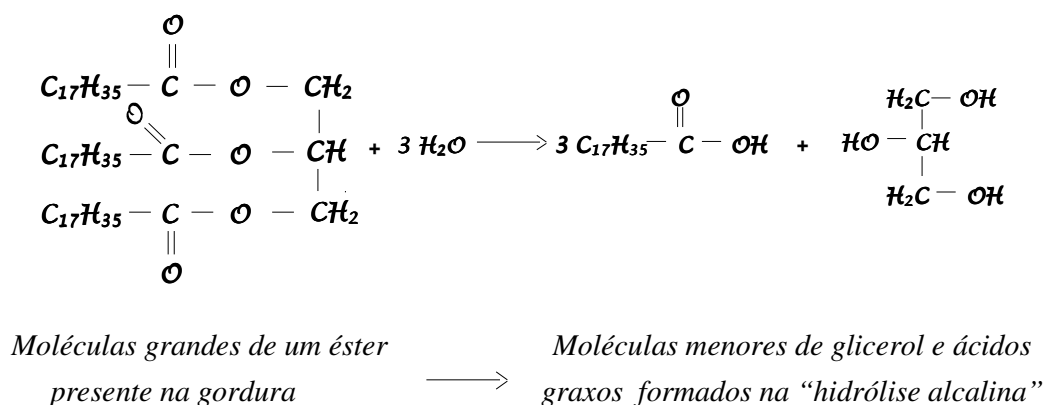
O Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa dá os seguintes significados ao verbo cortar: *separar em partes ou pedaços com instrumento cortante; tirar uma parte do todo com instrumento de corte; fazer incisões; esfaquear; sustar o efeito de (doença, azar etc.); sulcar; fazer o corte (de uma roupa); talhar; censurar; suprimir; fender; produzir rachaduras; obstruir; impedir passagem; interceptar; impedir (abusos); dar lance com trunfo sobre o parceiro; afligir; atormentar (a alma, o coração); misturar (bebidas); embaralhar (as cartas); reprovar em exame etc.* O Dicionário Houaiss apresenta significados semelhantes e alguns outros, dentre os quais destaco: *fazer cessar (alguma coisa) que apresenta continuidade; anular, invalidar (o remédio cortou a febre; o café cortou-lhe o sono; o banho frio cortou-lhe a embriaguez).*

Recorro também a um estudo que desenvolvi com uma aluna de graduação envolvendo a análise de explicações dadas por Serviços de Atendimento ao Consumidor para a relação entre os prazos de validade de soluções encontradas em supermercados (xampus, desodorantes, produtos de limpeza, sucos, refrigerantes, etc.) e suas transformações químicas. Nesse estudo, verificamos que muitos/as atendentes desse Serviço associavam o vencimento do prazo de validade de alguns produtos industrializados com a alteração de suas propriedades. Houve um caso em que uma atendente mencionou que a composição química de um determinado produto não se alterava com o vencimento do prazo de validade, dizendo que as suas propriedades é que eram alteradas. Do ponto de vista químico isso não faz sentido, uma vez que as propriedades de determinado material são decorrentes, essencialmente, de sua composição química. Como seria possível haver alteração nas propriedades de um material se não houvesse também uma alteração em sua composição?

Essa visão que associa alteração/transformação à perda de propriedades pode também estar presente na explicação dada por Dona Aparecida. A gordura não é cortada no sentido de reduzi-la a porções menores, mas no sentido de que suas propriedades ou efeitos são anuladas pela dicuada (algo que é mais concreto e visível do que se pensar em uma alteração na composição), do mesmo modo quando se diz que um determinado chá ou medicamento é capaz de “cortar” as “propriedades e efeitos” de uma gripe ou febre. Para Dona Aparecida,

“cortar” a gordura provavelmente significa que as propriedades da gordura desaparecem sob a ação da dicuada.

À luz do conhecimento químico, o uso do verbo “cortar” pode ser visto como uma “coincidência curiosa” para se referir à “quebra” ou à “hidrólise alcalina” dos ésteres presentes na gordura sob a ação da dicuada e do aquecimento da mistura<sup>20</sup>. De acordo com essa reação, as grandes moléculas dos ésteres são “cortadas” ou tem sua composição “separada em partes menores”, conforme pode ser percebido na equação simplificada mostrada a seguir:



Equação 1 – A expressão “A dicuada corta a gordura” vista na forma da “hidrólise alcalina” da gordura

A interpretação acima se refere a uma “coincidência curiosa” ou uma “convergência” de significados semânticos entre o modo de explicar de Dona Aparecida e os conhecimentos de Química, permitindo aproximá-los um pouco. A reação de formação do sabão não cessa, contudo, na “hidrólise alcalina” da gordura, restando ainda ocorrer a reação química entre os produtos da hidrólise com uma outra substância que está presente na dicuada: o carbonato de potássio dissolvido em água.

Dona Anésia explica a formação do sabão de um outro modo: “**A dicuada pode tirá a gordura. É interessante...**” (Linha 206). Em sua fala, ela não se refere a nenhuma propriedade da gordura, mas à capacidade da dicuada tirá-la da mistura reagente. Nesse caso, a gordura seria misteriosamente (re)tirada da mistura frente ao poder da dicuada. Mais adiante no

20. Quem me fez perceber isso foi o Professor Luiz Otávio Amaral, do Departamento de Química da UFMG, durante a apresentação de um pôster no ENEQUI (Encontro Nacional de Ensino de Química) de 2004, tratando da análise do discurso das produtoras do sabão de cinzas. O comentário feito aqui se refere ao uso do verbo “cortar” por Dona Aparecida para explicar a interação entre a dicuada e a gordura na formação do sabão de cinzas.



diálogo, Dona Anésia usou um outro verbo: “Da lenha tirá a cinza e tirá a gordura do sabão, fazê **virá** sabão, né? É muito interessante”.

Entre os verbos “cortar” de Dona Aparecida e os verbos “tirar” e “virar” usados por Dona Anésia, até que ponto eles dizem a mesma coisa? Teríamos aqui um exemplo do que Foucault denomina por formas de *coexistência*?

A configuração de um campo enunciativo compreende, também, formas de *coexistência*. Estas delineiam, inicialmente, um *campo de presença* (isto é, todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, e também os que são criticados, discutidos e julgados assim como os que são rejeitados ou excluídos); nesse campo de presença, as relações instauradas podem ser da ordem da verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca de significações ocultas, da análise do erro; essas relações podem ser explícitas (e, por vezes, formuladas em tipos de enunciados especializados: referências, discussões, críticas) ou implícitas e introduzidas nos enunciados correntes (FOUCAULT, 1986, p. 64, 65).

Talvez “cortar”, “tirar” e “virar” sejam, de fato, formas de *coexistência* do discurso. Representam um *campo de presença* porque podem estar se referindo ao emprego desses verbos “formulados em alguma outra parte” e que são retomados no discurso a título de “verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário”. Parecem dizer coisas diferentes mas podem estar se referindo ao mesmo significado, ou ainda querem dizer que a interação entre a dicuada e a gordura não é muito clara. Nesse campo de presença particular, as relações instauradas podem ser da ordem da “verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples” do que já foi ouvido, “da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade” de quem ensinou essas mulheres a fazer esse sabão. Mas, segundo Foucault,

Distinto desse campo de presença, podemos descrever um *campo de concomitância* (trata-se, então, dos enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados, seja porque valem como confirmação analógica, seja porque valem como princípio geral e como premissas aceitas para um raciocínio, ou porque valem como modelos que podemos transferir a outros conteúdos) (Idem, 1986, p. 64, 65).

As explicações baseadas no uso dos três verbos mencionados acima podem configurar um *campo de concomitância*, pois podem ter sido trazidos de um outro domínio de discurso (o remédio que “corta” ou “tira” a febre ou a gripe, por exemplo), funcionando como um

modelo que foi transferido para a explicação da interação entre a dicuada e a gordura no preparo do sabão de cinzas. Mas é possível ainda que o uso desses verbos represente um *domínio de memória*, considerando-os como expressões com gênese nas explicações que as mães de Dona Aparecida e de Dona Anésia davam ao fenômeno, dando uma continuidade histórica ao discurso:

Finalmente, o campo enunciativo compreende o que se poderia chamar de *domínio de memória* (trata-se dos enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica) (Idem, 1986, p. 65).

Em outra categoria de explicações que aparecem nas falas das produtoras do sabão de cinzas no diálogo registrado parte-se de algo já sabido, mas que, em função do discurso estar sendo construído/compartilhado pela primeira vez, faltam palavras ou termos que auxiliem as explicações. Ocorre um desvio do significado em função de limitações na linguagem. É o caso do diálogo entre Dona Aparecida e o acadêmico nas linhas 166-173, relativo ao uso da folha de bananeira como “papel de filtro” na obtenção da dicuada. Ela explicou que a folha de bananeira é usada “...pra podê segurá a cinza”, devido ao fato do “ balaio sempre é cheio de...de vaso, né?”. Vemos aqui que ela parece ter procurado uma palavra adequada para caracterizar o fato do balaio ser cheio de furos, através dos quais seguramente passariam as cinzas. Por que ela acabou empregando a palavra “vaso” para se referir a isso? Por que não disse “buracos” ou “furos”? De qualquer modo, parece que lhe faltou a palavra, tanto é que ela deu uma pausa em sua fala e depois finalizou: “de...de vaso, né?”. Na continuidade de sua fala ela diz que “de ficá curtida, aí que a folha de bananeira rasga, né?”. Observo a freqüência da palavra “né” nessa seqüência de falas de Dona Aparecida. Ela parece estar “tateando” o que fala. Não faz muito sentido dizer que a folha de bananeira “rasga” por ter ficado “curtida”, porque se a folha rasgasse isso permitiria a passagem das cinzas, semelhante a um papel de filtro caseiro quando é rasgado durante o preparo de um café. Tudo indica que faltou à Dona Aparecida a palavra “permeável”: a folha de bananeira é “permeável” somente à dicuada, não deixando as cinzas passarem pelas mesmas. Nesse caso, percebo que as limitações de linguagem podem remeter os fenômenos a outros significados que não correspondem exatamente à realidade, revelando certo distanciamento entre pensamento e linguagem.

Existe também uma categoria de conceitos que começam a ser formulados através do discurso, como é o caso das linhas 128 a 135. O acadêmico perguntou se é a cinza que faz o sabão espumar. Dona Aparecida disse que é por causa da dicuada, e complementou dizendo: “É a dicuada e o materiar que põe, né?”. Dona Anésia tentou ajudar nessa resposta, dizendo “É porque tira a gordura e aí...”. Dona Rosa então enfatizou que “se pô a dicuada tamém... ela não faiz tamém não”. Dona Aparecida mencionou enfim que “ela” (a dicuada) “não fáiz, se não tivé a gordura não fáiz” e o acadêmico concluiu: “Então é mesmo da mistura dos dois que... que sai o sabão”. É interessante notar a pausa que este último deu em sua fala. Estaria ele ainda pensando na questão que ele mesmo formulou e que ainda não fora satisfatoriamente respondida? Quando finaliza sua fala dizendo “que sai o sabão”, estaria ele concluindo que o responsável pela formação de espuma é o sabão e não a “dicuada”, ou “a dicuada e os materiar que põe”?

Uma outra categoria de conceitos envolveu a analogia com algo já conhecido. Dona Aparecida, na linha 144, explicou a absorção de água do ambiente pelo sabão de cinzas com base no comportamento semelhante ao observado no “sal” de cozinha: “Ele é igual sal, né? Porque o sal tamém o tempo muda ele umedece”. Esse modo de explicar de Dona Aparecida encontra uma explicação em Química: os sabões pertencem à classe das substâncias conhecidas como “sais” e a higroscopia (absorção de água) é uma propriedade comum a essas substâncias, a qual é evidente na interação do sal de cozinha (cloreto de sódio iodado) com um ambiente úmido.

Houve também explicações do tipo causa-efeito, como foi o caso de Dona Rosa atribuir a coloração preta do sabão à panela no qual o mesmo foi feito (Linha 155) e o de Dona Aparecida ao associar a mudança de coloração do sabão ao material que o envolve (Linha 159: “... numa páia”) e ao tempo em que o mesmo permanece guardado para o uso. Tipo de explicação semelhante também pode ser observada entre as linhas 193-205: Dona Aparecida explicou que Dona Rosa precisou de pouca quantidade de cinzas para preparar o seu sabão porque as cinzas foram bem socadas no recipiente de obtenção da dicuada. Ela disse: “É, bem besoado. Prá podê dá fortidão na dicuada” (Linha 200).

A palavra “besoado” soa como um “termo técnico” pouco comum, e o contexto sugere ser sinônimo de um elevado grau de compactação das cinzas no recipiente. Já a palavra “fortidão” remete a uma expressão que pode ser derivada de um sentido cotidiano mais comum, tal como nos referimos ao gosto de um cafezinho ou uma bebida alcoólica, por exemplo, ao dizermos que está “forte” ou “fraco/a”, ou seja, que está “mais” ou “menos” concentrado/a. Mas ninguém diz que um cafezinho está “muito concentrado” ou ainda que

uma bebida alcoólica tem um elevado “teor” de álcool, mas que o café e a bebida são fortes. Isso provavelmente é feito do mesmo modo em relação à dicuada segundo a fala de Dona Aparecida: “A dicuada mais... quanto mais forte (*mais concentrada*) mais rápido fáiz o sabão” (Linha 205).

Em sua fala, Dona Aparecida associou a “fortidão” da dicuada a uma maior velocidade da formação do sabão de cinzas (vista como a ação da dicuada “cortar”/“tirar” a gordura do meio). Do ponto de vista químico isso está de acordo com uma característica fundamental das reações químicas: quanto maior for a concentração dos reagentes, maior será a velocidade da reação. No prosseguimento da conversa (Linhas 212 e 213), Dona Aparecida explicou o reparo que Dona Rosa fez num sabão que “passô a dicuada” (sabão contendo um excesso de dicuada) adicionando uma “manteiga” do seguinte modo: “É que aí enfraquece a dicuada, né?”. Dona Aparecida disse que a dicuada em excesso foi “enfraquecida” nessa situação, ou seja, a sua concentração diminuiu sob a ação da gordura. Para essa Senhora, a dicuada “corta” a gordura enquanto essa “enfraquece” a primeira, apontando para uma relação entre a “força” de um ingrediente e a sua “capacidade de cortar” o outro, sendo, por sua vez, “enfraquecido” no processo.

Para Foucault, o que permite delimitar um grupo de conceitos ou um sistema de formação conceitual é a maneira pela qual os diferentes elementos estão relacionados uns aos outros: “É esse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual”(Idem, 1986, p. 66). Não se trata de uma descrição direta e imediata dos próprios conceitos, mas de determinar as possibilidades de movimentação dos enunciados ou a descrição de uma “dispersão anônima” (Idem, 1986 p. 67). No caso da presente análise, creio que Foucault indica um caminho positivo ao propor uma delimitação do sistema de formação conceitual, através do qual diferentes elementos se relacionam: o “feixe de relações”. Todavia, o que identifiquei como sendo uma descrição direta do sistema de conceitos do discurso sobre o sabão de cinzas envolve basicamente a seqüência de procedimentos para o preparo do sabão e os modos de explicar os fenômenos. Esses últimos utilizam: verbos e adjetivos específicos trazidos de outros discursos (formulados em outra parte, pertencentes a domínios diferentes, relacionados à memória e ao senso comum), a observação das propriedades dos materiais usados e analogias. Algumas explicações são expressas com segurança enquanto outras são limitadas pela linguagem ou são construídas no próprio discurso.

### 1.2.5.6 - A teia de relações

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar: não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 1986, p. 33)

Alguns trechos do diálogo que ocorreu entre o acadêmico e as especialistas sobre o sabão de cinzas descreveram os procedimentos envolvidos no preparo do sabão de cinzas. A relação com a **técnica**, é, portanto, um dos fios da teia de relações. O discurso organiza/revela uma seqüência de ações para se obter o sabão de cinzas. Na linha 6, por exemplo, o acadêmico começou ancorando o diálogo no que estava sendo observado e perguntou sobre “a primeira coisa” que se faz. Ele mesmo ordenou temporalmente a descrição do processo, procurando mostrar às produtoras que tinha algum conhecimento sobre o preparo do sabão de cinzas ao mencionar o “barrilero” em sua pergunta. Isso foi estratégico de sua parte, permitindo-lhe se introduzir no rol daquelas que conhecem o sabão de cinzas.

A resposta à pergunta do acadêmico evidencia a seqüência das ações do processo segundo Dona Rosa:

É, primeiro eu ponho a cinza aí no barde, depois eu, eu sóco com um soquete, aí depois que eu socá e tivé bem socadinho, aí eu ponho a água, aí depois pingo a dicuada e depois que eu ponho aqui dentro da panela (Fala de Dona Rosa na linha 7).

Cabe notar que Dona Rosa usou um “barde” para constituir o “barrilero”, mostrando uma adaptação do modo tradicional de preparo desse aparato tecnológico. No modo tradicional o barrilero se constitui em um grande balaio de taquaras que é forrado internamente com folhas de bananeira. As cinzas são colocadas dentro desse dispositivo e são socadas com um soquete. Essa operação de socar as cinzas parece ser fundamental no processo, porque só depois que “tive bem socadinho” é que Dona Rosa põe “a água”. A partir daí ela disse: “aí depois pingo a dicuada...”. Observo aqui que esse processo é bastante demorado, porque a água tem que atravessar o meio (as cinzas) que está bem compactado. Na fala de Dona Rosa, conforme já mencionei antes, ela dá a impressão que o processo é simples e rápido. Na linha 9 ela dá a mesma impressão:

É, põe a dicuada alí e ponha o sebo, o sebo ou gordura, e vou... e vou mexeno, aí depois... aí que apura o sabão (Linha 9).

A capacidade de síntese das ações e simplificação dos procedimentos através da linguagem revela que Dona Rosa tem domínio da técnica. Mas, o que Dona Rosa quis dizer

ao empregar o verbo “apurar”? Teríamos aqui o emprego de mais um “verbo” para se referir à formação do sabão de cinzas. Segundo o Dicionário Houaiss, apurar significa: *tornar puro, livrar de impurezas, tornar melhor, aperfeiçoar, esmerar, aprimorar*. Ao empregar esse verbo Dona Rosa estaria acreditando em um processo de purificação/aprimoramento dos ingredientes usados até o estágio de sabão? Provavelmente sim. Temos que perceber aqui que materiais rudes e grosseiros, tais como as cinzas e a gordura animal (sebo de boi ou torresmo de porco) são misturados em uma panela ao fogo e são convertidos em sabão. Nesse contexto, Dona Rosa estaria sugerindo que o produto final desse processo tem um grau maior de “pureza” em comparação com os ingredientes usados.

Nas linhas 76 a 82, os interlocutores discutem um outro aspecto da técnica de preparo do sabão de cinzas, relacionado ao acabamento do mesmo, a sua forma final. Esse trecho do diálogo evidencia que o sabão de cinzas muda de estado físico com a temperatura e que a observação através da visão e do tato é que define o momento certo de moldá-lo. Entre as linhas 103 e 111 o diálogo girou em torno de uma condição técnica para se saber que o sabão ficou pronto: o seu “ponto”. Esse substantivo masculino possui vários significados segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, dentre os quais destaco: *circunstância, situação, estado, lugar determinado, nível que se chega pelo resultado de uma ação, um impulso, um pensamento, um sentimento, etc.; grau adequado de cozimento de qualquer alimento*. Esse último significado parece ser particularmente adequado para compreender o “ponto” do sabão, revelando um outro fio da teia de relações ao redor da **técnica**. Nas linhas 106 e 107, Dona Anésia e Dona Aparecida mencionaram que o preparo do sabão se assemelha ao preparo de um “doce”, um “doce de leite”. Vemos aqui a relação do preparo do sabão de cinzas com o preparo de alimentos, ou seja, uma relação com a **culinária**:

Se não tivé o ponto depois ele não... ele não dá... É igual a um doce, sabe...

É que nem um doce de leite...

(Falas de Dona Anésia e de Dona Aparecida, nas linhas 106 e 107).

Os aspectos da técnica de identificação do “ponto” do sabão foram enfatizados pelas produtoras do seguinte modo (Linhas 107 e 108): “... aí ele começa conforme tava alí, já desagarrano da panela...”, “... não suja mais”, “... a borrinha sai lá do fundo da panela e senta em cima”. Essas falas retratam observações de fenômenos precisos para identificar quando o sabão está pronto. As linhas 115 a 121 revelam, no entanto, que há uma quantidade certa de dicuada que deve ser misturada à gordura para se atingir o “ponto” do sabão; não pode haver excesso e nem falta da mesma:

- 115 Ac: E sempre sempre então tem que tá olhano o sabão, colocano um pouquinho...  
 116 Ap: Mai um pouquinho de dicuada.  
 117 R: Se fartá tamém não vale nada.  
 118 Ac: Se passá do ponto tamém...  
 119 R: Se fartá a dicuada...  
 120 Ap: É, a dicuada tamém não póde deixá passá.  
 121 An: Se passá não cresce, se fartá tamém não cresce...

O discurso mostra assim que há uma proporção definida entre os ingredientes que deve ser respeitada para se obter o sabão de cinzas. Ao mesmo tempo, ele revela que é necessário ter experiência para determinar o “ponto do sabão”. A palavra “fartá” significa uma quantidade abaixo da proporção requerida e a palavra “passá” quer dizer um excesso dessa quantidade. Para Dona Anésia (Linha 121) o excesso ou a falta de dicuada faz com que o sabão não “cresça”, como no preparo de pães e bolos, captando mais uma vez a linguagem da culinária e revelando um outro verbo associado à formação do sabão de cinzas.

A questão do “ponto” do sabão voltou a ser mencionada na linha 212 por Dona Rosa para se referir a um caso vivenciado por ela no qual foi necessário resolver o problema de um sabão que havia “passado” a quantidade da dicuada. Segundo Dona Rosa, o excesso de um ingrediente tem que ser compensado com a adição do outro, e, por isso, ela usou uma “manteiga” para o ajuste das proporções entre os ingredientes. O “ponto” do sabão, visto na forma de um ajuste das quantidades relativas dos ingredientes envolvidos no preparo do sabão, é explicado, do ponto de vista químico, nos termos da necessidade de obediência à estequiometria ou proporções entre as massas dos reagentes da reação.

Embora nunca tenham ouvido falar de “estequiometria” e nem de “reação química”, as mulheres que fazem o sabão de cinzas demonstraram compreender bem o fenômeno. Embora seja universal na experiência, esse fenômeno tem uma explicação própria e histórica e epistemologicamente elaborada pelo conhecimento químico ocidental do mundo que faz uso de leis, linguagem, simbologia e operações matemáticas específicas, permitindo uma compreensão do fenômeno que pode ser usada para prever as quantidades relativas dos reagentes, algo que as produtoras do sabão de cinzas determinam na prática e algo que é muito comum nas aulas de Química do ensino médio. Vemos aqui, uma nova correspondência ou reforço do conhecimento das produtoras do sabão de cinzas pelo conhecimento químico.

Nas linhas 162-180 o discurso continua fazendo referência à técnica, porém associada à obtenção da dicuada no modo tradicional. Foi o acadêmico quem trouxe novamente esse aspecto da técnica para o discurso, revelando seu desejo de entender “o quê” era usado para forrar o “barrilero”:

E assim prá... tem gente que coloca num balaio prá fazê a dicuada e coloca no fundo é... (Fala do acadêmico na linha 162).

Dona Aparecida respondeu de imediato dizendo: “Foia de bananera” (Linha 163), e o acadêmico repetiu o que ela disse: “Foia de bananera” (Linha 164). Me pergunto: é normal um acadêmico dizer “foia de bananera”? Na linha 166, no entanto, esse mesmo interlocutor disse: “Por que é a folha de bananeira? Ela...”. Noto que o acadêmico, usou dois modos de dizer para se referir a um material específico usado no preparo do “barrilero” e que ele queria compreender. Na primeira vez ele ecoou a voz de Dona Aparecida, e aí o vemos estabelecendo uma relação de “simetria” através da linguagem, mostrando que ele compreendeu o que estava sendo dito. Depois, ele voltou ao seu lugar, e mencionou as palavras como aparecem regularmente na linguagem escrita. A intenção aqui passou a ser a compreensão sobre o uso da “folha de bananeira” para forrar o balaio (“barrilero”), e, para isso, ele buscou estabelecer uma relação inicial no mesmo nível de linguagem de Dona Aparecida. O resultado disso é que o diálogo evoluiu (ver as Linhas 166-173).

Nas linhas 175-183 vemos, novamente, as relações do discurso com a técnica no discurso, porém associadas ao modo de uso das cinzas no preparo do sabão de cinzas e à incorporação de “soda” no processo:

175 R: Ela não fica sujo de cinza. Porque se ficá suja de cinza não póde pô lá, que aí se derramá lá dentro, dentro da vasilha, aí tem que jogá aquilo fora e torná a pô otro.

176 An: Senão coá, né?

177 R: É, ou senão coá, porque senão o sabão não gera, né?

178 Ap: Não gera. Não pode pegá a cinza.

179 Ac: Não pode pegá a cinza. Chama sabão de cinza, mas tem que sê sem cinza.

180 Ap: Sem cinza. Ele é de cinza e não pode deixá a cinza pegá ele.

181 An: É de cinza porque ele é feito da dicuada, né?

182 Ac: Feito da dicuada.

183. Ap: Esse é sabão de cinza, mas ele usa só a soda, Ah, só essa... a dicuada, né?

184. An: A minha mãe fazia, ela usava a soda e a cinza, os dois.

185. Ap: Os dois.

186. An: Dizia que era prá andá mais depressa.

187. Ac: Quando ela fazia, misturava os dois, os dois na panela e colocava...

188. An: Usava menas soda, né? Só mais esse aí.

Segundo as produtoras, o sabão de cinzas “não pode pegá a cinza”, “não pode deixá a cinza pegá ele”. Se as cinzas forem misturadas diretamente à gordura no processo, o “sabão não gera”, ou seja, não é possível obter o sabão dessa maneira (observo aqui o uso de mais um verbo para se referir à formação do sabão, só que usado numa sentença negativa). As cinzas não são usadas diretamente, mas para obter a forma da dicuada: “É de cinza por ele é feito da



dicuada, né?”, explicou Dona Anésia. Essa seqüência de falas evidencia uma justificativa para o nome atribuído ao sabão “de cinzas”. Tal nome, conforme mencionou Dona Rosa, ativou a curiosidade de uma pessoa da comunidade com a qual Dona Rosa interagiu:

A Silvana, memo, um dia perguntô eu: Eu quero que a senhora me explica como é que é esse negócio. A senhora põe a cinza lá dentro e punha o torresmo? (Fala de Dona Rosa na linha 192).

Nas linhas 177 e 178 observo a concordância imediata entre Dona Anésia e Dona Aparecida quanto ao uso do verbo “gerar” utilizado para designar um processo no qual o sabão não daria certo: “não gera”. O emprego desse verbo coincide com um dos seus significados expresso no Dicionário Houaiss: dar ou ter origem por meio de processo químico, físico; em Química se diria que o produto “não é formado” (= “não gera”). O verbo “gerar”, assim, constitui mais uma forma de se referir à formação do sabão de cinzas, só que associado à situação na qual o sabão não é formado a partir da mistura direta das cinzas com a gordura.

Na linha 183, Dona Aparecida mencionou um material que já havia sido mencionado anteriormente, mas ela não quis se referenciar ao uso da “soda” no preparo do sabão, mas ao uso “só da dicuada”. Após mencionar a palavra “soda”, ela logo consertou o que queria dizer falando em seguida: “ah, só essa... a dicuada, né?”, apontando o material que estava sobre a mesa: a dicuada dentro de uma bacia de plástico. A palavra soda<sup>21</sup> foi incluída de um modo inconsciente na fala de Dona Aparecida e isso trouxe novamente a voz da mãe de Dona Anésia para o discurso e uma vantagem associada ao que ela fazia:

183 Ap: Esse é sabão de cinza, mas ele usa só a sóda, ah, só essa... a dicuada, né?

184 An: A minha mãe fazia, ela usava a soda e a cinza, os dois.

185 Ap: Os dois.

186 An: Dizia que era prá andá mais depressa.

Com a adição de soda na produção do sabão de cinzas, o processo se tornava mais rápido: “era prá andá mais depressa”, justificou Dona Anésia, revelando aqui um outro

---

21. O primeiro a mencionar o uso da “soda” no preparo do sabão de cinzas foi o acadêmico na linha 18, em sua conversa com Dona Rosa. Isso apareceu no diálogo porque o acadêmico já sabia que algumas produtoras do sabão de cinzas também usavam a soda no preparo desse sabão. Depois, com a inserção de Dona Anésia no diálogo, ela mencionou: “Eu aprendi a fazê com a dicuada e com a soda” (Linha 33), “(...) minha mãe usava os dois, né? Os dois: soda e dicuada, que ela punha um poco de cada um” (Linha 35), e “Com a soda anda mais rápido, né?” (Linha 37). Nessas falas, Dona Anésia revelou a fonte de seus ensinamentos: a sua mãe, e justificou o modo (“punha um poco de cada um”) e a razão do uso da soda: “anda mais rápido”. frente à gordura animal na formação do sabão de cinzas.

tópico-ponte para os conhecimentos da Química escolar: a velocidade das reações depende da natureza dos reagentes; a soda e a “dicuada” têm diferentes velocidades de reação com a gordura.

Nas linhas 223-239, o diálogo girou em torno do “sal” que cristaliza após a evaporação da dicuada e que pode ser usado no preparo de outro sabão. Esse trecho evidencia um conhecimento sobre a técnica de separação de materiais, que, diga-se de passagem, é amplamente ensinada nas aulas de ciências: a secagem ou evaporação de um solvente, tal como feito na produção do sal de cozinha. Ainda em relação a esse aspecto, é Dona Rosa quem suspeita que o sal obtido com a evaporação tem alguma relação com a soda (Linha 228), mas como as falas se sobrepõem, ninguém lhe dá importância. Dona Aparecida também mencionou que esse “sal” pode ser usado pra “fazê otro sabão” (Linha 239).

Ao redor dos aspectos técnicos mencionados, podem ser observados outros tipos de relações que são estabelecidas no discurso quanto aos modos de **otimização do processo** e a **qualidade** do sabão de cinzas. Quanto à relação entre a técnica e a sua otimização, a questão central diz respeito ao aumento da velocidade de preparo do sabão, o que se torna evidente quando Dona Anésia mencionou o uso da soda (Linhas 37-39, 184-186). Entre as participantes do diálogo, Dona Anésia foi a única produtora do sabão de cinzas que fez menção ao uso da soda conforme a prática de sua mãe. Conforme Dona Rosa e Dona Aparecida foram se posicionando contrariamente ao uso da soda, indicando as suas desvantagens em termos da **qualidade** do produto final obtido (Linhas 21, 65-74, 146), Dona Anésia alterou o estatuto de seu discurso, de sua fala na linha 35 para a de número 188:

Linha 35: “Porque a gente... minha mãe usava os dois, né, os dois: soda e dicuada, que ela punha um pouco de cada um.”

Linha 188: “Usava menas sóda, né? Só mais esse aí (referindo-se à dicuada)”.

Em relação à **qualidade** do sabão de cinzas percebi que os fatores preponderantes são: o modo de fazer (a técnica), da qual já falei anteriormente, e os ingredientes usados. Desde que não se adicione a soda em seu preparo, o sabão de cinzas pode ser amplamente usado na higiene, na higiene do corpo e em enfermidades da pele. No entanto, é curiosa a menção de Dona Anésia (Linha 52): “Igual lá em casa mesmo, minha mãe criou doze filhos e nunca comprou um sabão...” Ora, não foi a mãe de Dona Anésia quem adicionava a soda no preparo desse sabão? Como poderia ela ter criado doze filhos com um sabão que também era preparado com soda, considerando que Dona Aparecida e Dona Rosa disseram que o sabão de cinzas não poderia ser usado na higiene pessoal nessa situação (Linhas 21, 72, 74)?

Os sabões produzidos industrialmente são preparados com soda cáustica (provavelmente a mesma soda de que falam as mulheres que fazem sabão). São bem conhecidos os problemas de pele que esses sabões ocasionam nas pessoas que os utilizam com frequência. De fato, como a produção de sabões industriais ocorre em larga escala, muitos desses sabões apresentam excesso de soda cáustica no final do processo, a qual é extremamente agressiva à pele. Mas, se a quantidade de soda adicionada estiver abaixo da proporção definida pela quantidade a ser consumida na reação química de formação do sabão não haverá problemas e irá ocorrer, inclusive, um outro benefício: o endurecimento do sabão de cinzas, que por natureza, é um sabão mole. Portanto, não há razão para se preocupar tanto assim com a adição ou não de soda ao processo, desde que esta não seja colocada em excesso: ao ser adicionada à gordura a soda será transformada irreversivelmente na reação química, deixando literalmente de existir no meio.

Dona Aparecida, no entanto, apresentou um outro modo para resolver o problema da velocidade do processo de formação do sabão de cinzas. Isso pode ser observado em sua menção a socar as cinzas para dar mais “fortidão” à dicuada (Linha 200), o que torna o processo mais rápido: “A dicuada mais... quanto mais forte mais rápido fáiz o sabão” (Linha 205). Essa questão do uso da soda remetendo à velocidade do processo de preparo do sabão de cinzas, no entanto, pareceu efetivamente afetar a todos no diálogo, considerando o instante de silêncio observado entre as falas 189 e 190.

Quanto às relações com a **comunidade**, das três mulheres envolvidas no diálogo, Dona Rosa é a que mais apresentou/descreveu interações, em função de seus conhecimentos técnicos sobre o sabão de cinzas (Linhas 137, 139, 146, 153, 190, 192 e 212). Somente ela chegou a citar nominalmente três pessoas com as quais interagiu: a Dona Cida, a Silvana e a cumade Zé, além de outros que não citou os nomes, referindo-se a “os menino” que lhe pediram sabão (Linhas 137 e 139), às pessoas que a procuram para usar o sabão de cinzas na cura de uma doença de galinhas (Linha 146) e à “gente” que a questionou sobre como se faz o sabão (Linha 190). Ao fazer isso, Dona Rosa mencionou várias outras vezes em seu discurso e, ao mesmo tempo, denunciou a sua autoridade em relação aos conhecimentos sobre sabão de cinzas em sua comunidade. Dona Aparecida e Dona Anésia, no entanto, também mencionaram uma relação bastante específica com a comunidade, caracterizada por um distanciamento entre o sabão de cinzas e as gerações atuais:

45 An: Hoje em dia o pessoal não conhece.

46 Ac: Não conhece muito o sabão não.

47 Ap: Muitas pessoa não sabe o que que é o sabão de cinza, né?

Um outro fio da teia que apareceu nas relações do discurso se refere aos hábitos de **higiene e limpeza** associados ao sabão de cinzas, conforme as linhas 17, 52 e 123, mostrando que o sabão de cinzas foi (e ainda é) usado na higiene do corpo e na limpeza de roupas e utensílios de cozinha. A fala descrita na linha 52 mostra a preferência pelo uso do sabão de cinzas nos hábitos higiênicos de uma família numerosa que, ao mesmo tempo, evidencia uma **resistência** à aquisição e uso de outros tipos de sabões. **Vínculos familiares** também integraram a teia de relações do discurso das produtoras do sabão. As falas 29, 35, 40-41 e 52 mostram a presença marcante dos pais e da figura materna, em especial, como a fonte de ensinamentos sobre o preparo do sabão de cinzas. Mas, foi Dona Anésia quem mais trouxe a voz de sua **mãe** para o discurso.

O discurso também remonta ao **passado**. Entre as linhas 91-94, após o acadêmico ter perguntado sobre a saudade de épocas mais antigas, as respostas foram bastante enfáticas, especialmente as de Dona Aparecida: “Nooossa! Era muito mais gostoso, porque as pessoa tinha mais liberdade de mexê com esse serviço, né?” (Linha 94). Nessa fala, fico pensando sobre o significado de dizer que “as pessoa tinha mais liberdade de mexe como esse serviço”. O que mudou com o tempo que tirou a liberdade de Dona Aparecida para lidar com “esse serviço”? No início do diálogo, quando foi questionada se fazia o sabão, Dona Aparecida primeiro respondeu que sim (Linha 25) e depois ela disse: “Faiz bem tempo que eu não faço, né? Mas já fiz muito sabão de cinza” (Linha 27). Por que razão Dona Aparecida não faz mais o sabão de cinzas, considerando a paixão que ela manifesta pelo mesmo? Teria essa “liberdade” alguma relação com a sua disposição pessoal com o trabalho, considerando que o preparo desse sabão requer dedicação e força física? Teria alguma relação com outras mudanças impostas pela vida moderna?

Mais à frente no diálogo, quando discutiram sobre o desconhecimento atual sobre o sabão de cinzas, Dona Aparecida disse: “É porque muda tudo, né? Aí já não usa mais o sabão de cinza, só nós mais coisa é que...” (Linha 49). Identifico nessa fala o conformismo de Dona Aparecida ao mencionar a mudança como um atributo de todas as coisas com o tempo, incluindo também o preparo e o uso do sabão de cinzas. Para Dona Aparecida, o sabão de cinzas é algo de seu **passado**, que lhe traz lembranças de uma época na qual havia mais liberdade (Linha 94) e na qual ela também ganhava dinheiro com ele (Linha 142). No final de sua fala na linha 49, essa Senhora empregou o substantivo “coisa” provavelmente querendo se referir a “antigos”. A sua fala foi logo completada pelo acadêmico que disse: “... ainda faz”. Em resposta, Dona Aparecida concordou prontamente dizendo: “É, ainda faz”. Acredito que

a intenção de Dona Aparecida era dizer: ... só nós mais “antigo” é que conhece. O acadêmico sabia que Dona Aparecida não fazia mais o sabão de cinzas, mas mesmo assim ele disse: ainda faz! Ele parece ter expressado um desejo inconsciente de que ela continuasse a preparar o sabão de cinzas.

Na linha 44, o acadêmico disse: “E hoje em dia o pessoal mais novo não... não tá sabeno fazê não...”. Embora ele faça parte do “pessoal mais novo”, o acadêmico não se posicionou desse lado, diminuindo a distância entre ele e as suas interlocutoras. Ele estabeleceu uma situação: “o povo de hoje não tá sabeno”. Esse mesmo discurso foi retomado por Dona Anésia, que disse (Linha 136): “Ih, mas o povo de hoje não qué sabê de nada não”. Ao dizer isso, Dona Anésia se referiu à falta de vontade dos jovens atuais em querer saber de alguma coisa. O discurso aponta para uma **mudança de valores**: o povo de antes era mais disposto para aprender/saber e os de hoje, não querem saber de nada. A partir dessa afirmação de Dona Anésia, o diálogo envolveu a todos. Para Alex, as pessoas de hoje não querem “praticá” (Linha 138); para Dona Rosa “eles não sabem nem aprendê” e para Dona Aparecida uma outra mudança foi detectada ao comparar os tempos atuais com o passado:

140 Ap: Eu, na panela que eu tenho lá em casa, eu já tirei quarenta barras de sabão.

141 Ac: Quarenta barras de sabão....

142 Ap: Fazia muito prá vendê, né? Fazia muito sabão. Aí a gente sempre a gente tinha assim... fazenda, lá onde nós morava, né, a gente criava muito porco, né, aí dava um problema num porco, aquele nós ía aproveitá ele prá sabão. Nós não ía jogá ele fora, né?

A mudança a que se refere Dona Aparecida é que no passado nada era desperdiçado: “Nóis não ía jogá ele fora, né?”, se referindo a quando “dava um problema num porco”. Aparece aqui um outro fio da teia de relações: a **auto-sustentabilidade** das práticas antigas, onde se procurava aproveitar bem os recursos. O preparo do sabão de cinzas guarda uma outra relação, associada ao **gênero** de quem faz esse sabão. Na linha 97 do diálogo, o acadêmico introduziu essa questão perguntando sobre a participação de homens no processo. Todavia, a sua pergunta correspondeu quase a uma afirmação, revelando que ele mesmo, como homem, provavelmente não se dedicaria ao mesmo:

...É mais eram as mulheres que aprendiam a fazê mesmo, né? Os homens geralmente quase que não davam muito prá sabão mesmo, né?”  
(Fala do acadêmico na linha 97).

A resposta à pergunta do acadêmico foi dada por Dona Anésia: “Ih... os homem de primeiro eram machão, nem...” (Linha 98). Provavelmente, devido à proximidade entre o sabão de cinzas e a culinária, os homens de antigamente, que pouco se aproximavam da

cozinha, não se envolviam com a prática de preparo do sabão de cinzas, pois esse não era o ambiente dos “machões”. Já para Dona Aparecida os homens “Não tinha tempo” para fazer sabão. De fato, é bem possível que os homens não se dedicassem ao preparo do sabão de cinzas porque havia outras atividades para fazer e que lhes tomava o tempo, deixando o sabão de cinzas sob a responsabilidade das mulheres. Ao mesmo tempo em que disse isso, Dona Aparecida também mostra que o tempo não era um problema para ela lidar com o sabão de cinzas. Conforme o assunto prosseguiu, observo que o diálogo mudou de rumos após a fala de Dona Rosa (Linha 102): “O meu mais véio sabe fazê”, que se referiu ao seu filho mais velho como um conhecedor do preparo do sabão de cinzas. Dona Rosa quis dizer que o sabão de cinzas também podia ser um assunto dos homens. Mas, ninguém lhe deu ouvidos e os homens acabaram sendo excluídos do rol de quem realmente conhece o sabão de cinzas: as **mulheres**.

O fato da prática ser exclusiva do gênero feminino remete também ao aspecto de **identidade**, que teve uma outra dispersão no discurso. Na linha 83, o acadêmico colocou a seguinte questão: “Tem algum lugar tamém que é chamado sabão de bola, vocês tamém conheciam esse nome?”. Dona Aparecida respondeu introduzindo uma **denominação regional**: “Nóis trata... um pão. Né, Dona Anésia? É um pão de sabão... é uma bolinha, mas nós trata assim: é um pão de sabão” (Linha 84). Nessa fala, observo que Dona Aparecida não só diminuiu a denominação “sabão de bola” mencionada pelo Acadêmico dizendo que era uma “bolinha” como reforçou a denominação desse sabão na região de Bom Jardim de Minas. Depois ela completou: “é o modo de falá, então tem barra, né? Uma barra de sabão” (Linha 88).

A **resistência**<sup>22</sup> é uma relação do discurso, que pode ser observada nas linhas 12-15 (assim como na linha 52):

12 Ac: A senhora costuma fazê sempre sabão?

13 R: Faço. Sempre eu faço.

14 Ac: Faiz. Sempre a senhora faiz.

15 R: Faço poco, mas faço.

Considerando que o fabrico do sabão de cinzas é demorado e muito trabalhoso, e ainda a direção histórica tomada pela produção de sabões na sociedade capitalista tornando acessível um grande número de tipos, preços e marcas de sabões, por que razões Dona Rosa

---

22. Para Marilena Chauí, a resistência um atributo que é característico da cultura popular (CHAUÍ, 1986: p. 62-85).

resiste ao consumo dos sabões modernos? Por que o sabão de cinzas resiste aos dias atuais frente aos modernos sabões produzidos pela indústria? A resposta para essas questões tem relação com um processo de “continuidade cultural” que pode ser justificado por várias razões. Uma delas se relaciona à eficiência do sabão de cinzas como um agente de limpeza e ao fato de que ele não prejudica a pele. Além disso, há o aspecto medicinal: “E pode usá ele prá um quemadura, pode usá ele prá qualquer coisa, sem problema, né?” (Linha 70) e o seu uso veterinário (Linhas 145-149). Cabe mencionar ainda a influência de fatores emocionais associado aos laços sanguíneos presentes no processo de ensino e aprendizagem sobre o preparo do sabão de cinzas, uma vez que os saberes inerentes a esse sabão eram transmitidos no interior de uma mesma família, ou entre pessoas muito queridas e próximas.

A **comercialização** do sabão de cinzas, entretanto, não parece se configurar como uma explicação possível para a resistência cultural dessa prática. Das três mulheres envolvidas no diálogo, Dona Aparecida foi a única que mencionou ter comercializado o sabão de cinzas: “Eu fiz muito sabão de cinza prá vendê” (Linha 60); “Eu, na panela que eu tenho lá em casa, eu já tirei quarenta barras de sabão” (Linha 140); “Fazia muito prá vendê, né? Fazia muito sabão” (Linha 142). Nessas falas, Dona Aparecida revela um parâmetro que justifica a produção de grande quantidade de sabão: a sua comercialização. Mas, por que razão Dona Aparecida deixou de produzir e comercializar esse sabão? O sabão produzido por ela deixou de ser procurado devido à entrada de outros tipos de sabões em sua comunidade? Ou teria ela encontrado melhores fontes de renda? No caso de Maria Izabel em São João del-Rei, após o falecimento de sua mãe, ela estava bastante disposta a continuar fazendo o sabão de cinzas. Com o tempo, ela foi percebendo que o comércio de doces e balas dava mais lucro e menos trabalho e foi deixando o sabão de cinzas de lado. O trabalho que dá fazer esse sabão pareceu-lhe ser um fator determinante de abandono do mesmo, além da rentabilidade desigual entre uma e outra forma de ganhar dinheiro.

Uma característica do sabão de cinzas mencionada mais de uma vez no diálogo foi o seu cheiro (Linhas 61-62 e 95-96):

61 R: Ele até cheira, né? Quando lava a cabeça...

62 Ap: Até cheira. Quanto mais ele fica véio ele fica mais saboroso...

95 R: Eu sinto um cheirinho tão bom que dá vontade de comê, não dá?

96 Ap: Ele é cheroso. Olha que cheiro mais gostoso.

Através do discurso vemos que há uma associação próxima entre o sabão de cinzas e o cheiro que lhe é característico. Isso remete ao campo dos **sentidos/sensações**, uma outra relação estabelecida no discurso. Dona Anésia não se manifestou a esse respeito, enquanto o

acadêmico, inicialmente demonstrou certa indignação: “Mais ainda?” (Linha 63). A impressão que se tem dessa fala do acadêmico é que o cheiro do sabão não lhe pareceu ser muito agradável, dada a sua surpresa. Mas, na linha 97, ele acabou sendo convencido e concordou: “Cheirinho bom mesmo”.

Essa relação entre um produto de limpeza e o seu cheiro é tema bastante interessante e oportuno para uma discussão em sala de aula. O cheiro do material não tem, a princípio, nenhuma relação com a sua ação de limpeza, servindo somente para criar uma sensação agradável para o uso, e, muitas vezes, é o cheiro que determina o consumo preferencial de um dado produto de limpeza. O sabão de cinzas, na realidade, não tem um cheiro que pudéssemos atribuir a um cheiro agradável, como o perfume de flores ou frutas por exemplo. O seu odor lembra o cheiro de fumaça de madeira queimada, mas se trata realmente de um cheiro que é típico do sabão de cinzas, permitindo reconhecer a sua presença ou preparo à distância. Não houve menção no discurso a qualquer tentativa de se atribuir outro cheiro ao sabão de cinzas, mas se enfatizou o contrário: “Até cheira. Quanto mais ele fica véio ele fica mais saboroso...” (Linha 62). Nessa última fala cheiro e sabor se misturam, dando origem a uma sensação híbrida e agradável, conforme pode ser observado na fala de Dona Rosa: “Eu sinto um cheirinho tão bom que dá vontade de comê, não dá?” (Linha 95). É quase certo que essa apreciação do cheiro do sabão de cinzas tenha uma relação com o despertar de lembranças do passado, uma espécie de memória olfativa, considerando o assunto sobre o qual as participantes do diálogo estavam conversando antes da fala final de Dona Rosa mencionada acima (ver as Linhas 91-94).

Mas, se o cheiro é algo agradável às sensações olfativas das produtoras do sabão de cinzas, não podemos dizer o mesmo em relação ao seu aspecto físico. O trecho do diálogo compreendido entre as falas 150 e 160 evidencia isso. Dona Rosa perguntou ao acadêmico se o sabão que acabou de preparar “ficô bonitinho?” (Linha 150). Noto que ela não perguntou se o sabão ficou bonito, mas se ficou “bonitinho”. Ao expressar esse adjetivo no diminutivo, não estaria ela querendo dizer que a beleza não é um atributo do sabão de cinzas? Logo depois ela completou o seu enunciado dizendo: “Ou ficô feio?” (Linha 150), parecendo com isso denunciar o seu verdadeiro atributo. O acadêmico respondeu dizendo: “Ficô bonitinho” (Linha 151) e nesse momento todos riram. Me pergunto que rumo teria tomado o diálogo se ele tivesse dito o contrário. O acadêmico percebeu que não poderia fazê-lo, sob o risco de arruinar a simpatia de suas interlocutoras. Achar o sabão “bonitinho” intensificou a simpatia conquistada e, ao mesmo tempo, evidenciou a sua simpatia por elas e pelo referente. O acadêmico percebeu que o sabão de cinzas é parte importante da história da vida das Senhoras



com as quais conversava e, através desse, ele encontrou outros valores e conhecimentos que sequer imaginava existirem.

Para completar o quadro da percepção sobre as sensações relativas ao aspecto físico do sabão de cinzas vamos observar o quê Dona Aparecida disse logo em seguida à pergunta e à resposta sobre a beleza do sabão de cinzas:

152 Ap: Ele não tá muito escuro Dona Rosa.

153 R: Não tá não. A Dona Cida me pediu um, né? Até ela me deu um sabonete. Aí eu falei, ó Dona Cida: tá preto. Ela falou: a senhora falou que tá preto, eu fui lavá e não tá preto nada.

154 Ap: Nãaa.

155 R: Falei: acho que é por causa da panela é que fez ele ficá preto.

156 An: Às vezes, a hora que tira tamém ele fica mais escuro, né?

157 Ap: É, depois ele clareia.

158 Ac: Costuma dá uma clareada tamém...

159 Ap: Costuma fica bem assim, bem enrolado numa páia, ele costuma ficá até meio cinzento.

160 Ac: Fica até meio cinzento...

161 Ap: Fica. Se ficá muito tempo guardado, né?

Através dessas falas, percebo que a cor preta do sabão de cinzas parece ser um fator que incomoda as mulheres que fazem esse sabão, ao contrário do seu cheiro. Elas me pareceram não gostar dessa cor, associando a mesma à panela “que fez ele ficá preto” e mencionando depois que essa cor muda com o tempo e a forma de condicionamento (Linhas 156-161). O desgosto com a cor preta do sabão de cinzas é bem evidente na seguinte fala de Dona Rosa (Linha 212):

Uma vez a cumade Zé me deu um prá vê o que ocê arruma com isso aí. Ele passô a dícuada, não sei o que eu vô fazê com esse sabão. Eu até vô jogá fora. Aí levei lá prá casa, depois oiei, oiei bem nele, passei na roupa e ele não espumava. **Preto!** Falei: Ah, perai! Eu tinha uma manteiga lá, aí espuize nele. Ah, daí ficou bom, eu aproveitei... (Fala de Dona Rosa, linha 212).

Vemos aqui que as produtoras do sabão de cinzas parecem ter uma relação específica com a cor do sabão de cinzas que também pode fomentar discussões interessantes em sala de aula, através das quais os alunos podem perceber a ausência de relação entre cor/beleza e eficiência de limpeza, mas que pode influenciar os hábitos de consumo da população mediante a preferência visual (ou olfativa) por um ou outro tipo de sabão ou sabonete.

Para encerrar a presente análise, vamos retomar a parte do diálogo no qual Dona Anésia mencionou: “Eu tô pensano aqui, o que é mais interessante é essa cinza aí. Saí do fogão e dá esse... e tirá a gordura” (Linha 214). Nessa fala, Dona Anésia mostra que começou a pensar sobre o fenômeno, querendo entender como era possível “dá esse...”, ou seja, produzir o sabão a partir das cinzas e “tirá a gordura”. A impressão aqui é que o verbo “tirar”,

antes usado por Dona Anésia para se referir à interação entre a dicuada e a gordura, foi usado depois para se referir a uma propriedade dos sabões: (re)tirar a gordura dos materiais. Essa reflexão de Dona Anésia provavelmente repercutiu o que o acadêmico disse na linha 207: “É engraçado, né? A gordura... da gordura fazê um sabão sendo pra tirá a gordura, né?”. Alex estava se referindo ao uso da gordura para produzir o sabão e a ação desse frente à gordura como um material de sujidade. Observo, no entanto, o uso do verbo “tirar” por Alex ecoando o que Dona Anésia disse na linha 206: “A dicuada pode tirá a gordura. É interessante”. Essa Senhora que antes usou o verbo “tirar” para se referir à ação da dicuada sobre a gordura, levou Alex a empregar o mesmo verbo para se referir à aparente contradição entre ter de usar a gordura para produzir o sabão e a sua ação de limpeza de materiais sujos com gordura.

O pensamento reflexivo de Dona Anésia envolveu os seus interlocutores. Dona Aparecida, no entanto, mencionou: “Da lenha...” (Linha 216) e Dona Anésia completou dizendo: “Da lenha tirá a cinza e tirá a gordura do sabão, fazê virá sabão, né, é muito interessante” (Linha 217). O acadêmico, por sua vez, disse: “Sai... tudo, tudo gira aqui, né? Sai daqui...”, e simulou um movimento de giro com o dedo. Dona Anésia confirmou: “É, tudo, tudo gira aí”, reproduzindo o giro de dedo. Mas o que significa dizer que “tudo gira aí”? O movimento “cíclico” de que falam parece se referir ao fato do sabão ser feito a partir da gordura e ser utilizado para a limpeza de materiais sujos com ela mesma. Se refere também a uma dificuldade em explicarem as relações entre a dicuada e a gordura e entre o sabão e a gordura, que se tornou evidente na dispersão do discurso através da recuperação da ordem das ações de preparo do sabão de cinzas, a qual não explica porquê é que “tudo gira aí”. Mas dizer isso revelou uma percepção interessante de Dona Anésia e de Alex: a presença da gordura tanto no preparo do sabão de cinzas como em sua finalidade maior: limpar os materiais sujos de gordura.

No dizer de Foucault, a existência de um *sistema de dispersão* regular em “um certo número de enunciados” que descrevem objetos, conceitos, modos de falar e temas é o que define uma “formação discursiva” delineando as suas “regras de formação”:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os

elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 1986: p. 43,44).

A análise do discurso das produtoras do sabão de cinzas definiu um critério singular e expressivo para a elaboração do discurso etnográfico: a *teia de relações*. A Figura 2 apresenta os elementos da *teia de relações* que serviram como o guia de construção da narrativa etnográfica sobre o sabão de cinzas ou o critério relevante de reconstituição dos conhecimentos sobre o preparo e uso do sabão de cinzas e de correspondência à realidade. Mas o discurso dessas mulheres não pode ser considerado como sendo isolado da realidade, conforme vimos, pois a prática é nele caracterizada como sendo simples, fácil e rápida, e isso, como sabemos, não corresponde exatamente ao que foi observado.

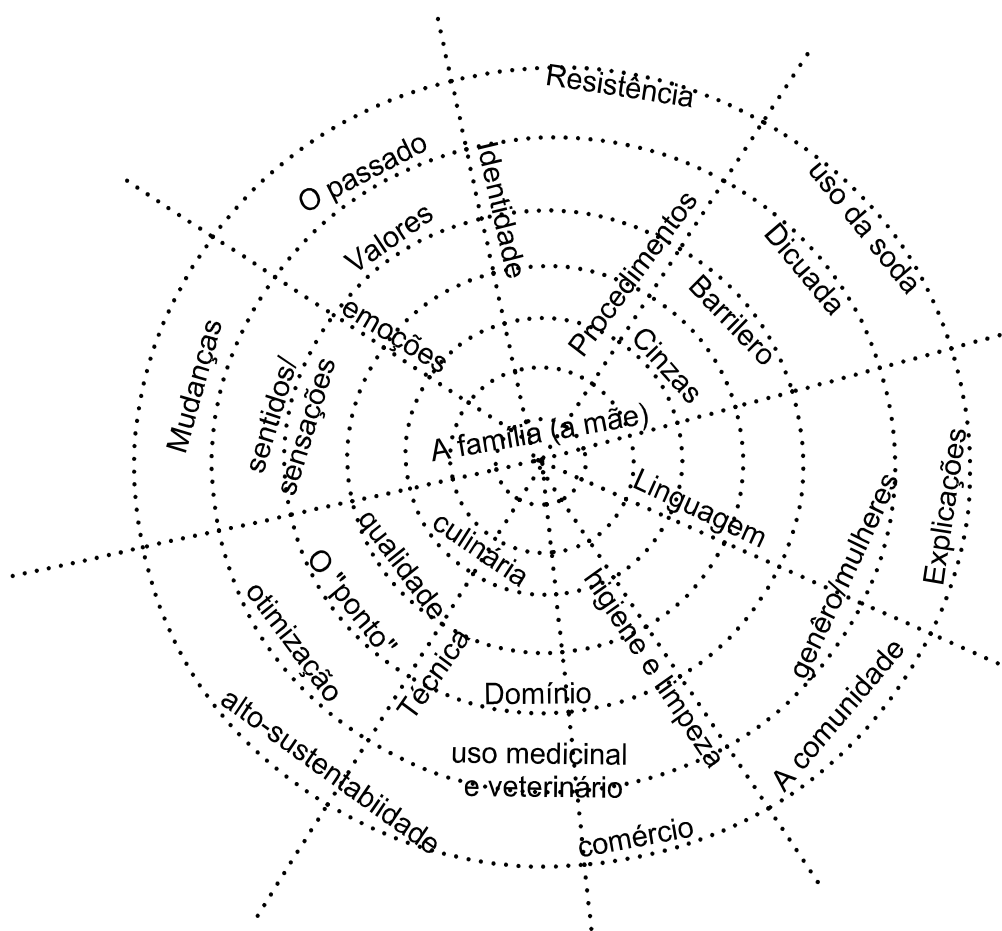


Figura 2 – A *teia de relações* ao redor dos conhecimentos sobre o sabão de cinzas, de acordo com o discurso das especialistas no assunto.